

A REPRESENTAÇÃO DO MAL EM *ASMODEU DE HOJE É DIA DE MARIA*: IDEALIZAÇÃO, METAMORFOSE E TRADIÇÃO POPULAR

ELISÂNGELA ARAÚJO SILVA – UFCG¹

RESUMO

O presente artigo problematiza a representação do mal através do personagem *Asmodeu* da obra *Hoje é dia de Maria* (2005), de Luiz Fernando Carvalho e Carlos Alberto de Abreu, no tocante a idealização do demônio e suas múltiplas metamorfoses, inclusive a partir da construção imagética da tradição popular. Observamos como a personagem retoma o maniqueísmo dos contos de fadas tradicionais através da figura bestial de um demônio ao mesmo tempo em que o apresenta numa perspectiva mais humanizada, não apenas em relação às suas aparições, mas também em relação aos seus sentimentos. O trabalho de caráter bibliográfico se fundamenta a partir das contribuições de Coelho (1984), Abramovich (1995), Propp (1992), Traça (1992), dentre outros. Analisamos a representação do mal em *Asmodeu* a partir dessa capacidade do texto literário está sempre se atualizando, mas sem perder seu apelo ao imaginário e, através de seus personagens, sua associação com o real por meio do ficcional. Ao final, destacamos como a representação do mal no personagem de *Hoje é dia de Maria* perpassa pela idealização, metamorfose, mas que acima de tudo se caracteriza pela humanização desse personagem em diversos momentos da obra.

Palavras-chave: Representação. O mal. Asmodeu. Idealização.

¹ O trabalho foi desenvolvido a partir do texto dissertativo da mesma autora com o título *Hoje é dia de Maria: intertextualidade e vivências em sala de aula* sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Naelza de Araújo Wanderley. A pesquisa que derivou o presente artigo foi desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande e encontra-se disponível no site da instituição.

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A TRADIÇÃO MANIQUEÍSTA

A literatura infanto-juvenil assim como se denomina na contemporaneidade, inicialmente, não tinha essa terminologia e nem fora criada pra um público infantil. Ela surge antes mesmo da escrita, povoa o imaginário de um público sem segmentação de faixa etária, essencialmente, no que concerne aos contos de fadas, as histórias foram contadas, recontadas e eternizadas por figuras e narrativas mítico-simbólicas, a exemplo da *Sherazade* e as histórias d'As Mil e uma noites – Aladim e a Lâmpada Maravilhosa; Sombad, o marujo; Alibabá e os quarenta ladroes, dentro outras (COELHO, 1984).

Por outro lado, todo o percurso feito por essas histórias que encantaram e encantam até hoje ouvintes, leitores e pesquisadores da literatura tem mostrado que o tempo passou, mas os elementos primordiais sempre estiveram presentes, se perpetuaram; O que nos faz concluir que, apesar das mudanças, sociais, temporais e de propagação, o imaginário do público tem sido estimulado pela influência de príncipes, princesas, amuletos, feitiços, madrastas, anões, dentre tantos que constituem tais narrativas.

Contudo, uma estrutura que se mantém atualizada nos contos de fadas e justifica o enredo em tais narrativas enriquecendo-as é a representação maniqueísmo do bem contra o mal. A existência dessas duas forças opostas, que fundamentam o embate entre protagonistas e antagonistas e que norteiam as ações e obstáculos a serem enfrentados. Conforme destaca Propp apud Simonsen (1987, p. 41) os contos populares possuem uma estrutura que se repete, se mantém a partir de elementos que garantem a sequência da narrativa. Esse embate envolve a força da representação e do estímulo do imaginário. De modo que, o bem sempre é representado pelas virtudes, feitos heroicos e que pelos que respeitam a ordem das coisas. Já o mal se faz presente nas atitudes dos antagonistas, malfeitores e personagens que buscam a

discórdia. Cavalcanti (2009, p. 50-51) destaca a importância dos contos de fada e de sua transcendência ao tempo:

Na realidade, o mundo do conto de fadas é transreal. Habita o a-espacial e vive no a-temporal do “Era uma vez...”, “Num reino muito...muito distante...”, de um tempo passado num lugar qualquer. Mergulhar no “Era uma vez...” é de certa forma se liberta do tempo cronológico para alcançar um tempo metafísico, onde tudo é eterno, convite para transcender o material e adentrar nas camadas mais profundas do psiquismo humano.

A presença do maniqueísmo do bem e do mal nos contos de fada contribui para que o leitor desperte para os grandes embates entre as forças opostas, isso porque a luta do bem contra o mal está na raiz das narrativas de um modo geral, seja ela clássica ou popular, essa dicotomia enriquece histórias desde as sociedades ágrafas. As primeiras narrativas literárias, quando ainda nem existia a denominação literatura infanto-juvenil, já tratavam do maniqueísmo fomentado, geralmente, a partir de um (a) herói (ína), representante do bem, perseguido por opositores ou malfeitores, representantes do mal (COELHO, 1984). Confirmando as características e a tradição dos contos de fada, observamos a importância da dicotomia bem e mal na obra *Hoje é dia de Maria*, (2005), de Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho, que no antagonismo do personagem *Asmodeu* apresenta a representação do mal através de um demônio e suas metamorfoses, que enriquecem o enredo da narrativa em questão.

A metamorfose nos contos de fada dá uma dinâmica à história, interfere na ação dos personagens e instiga o leitor. O processo de transformação física acaba desencadeando reações emocionais, psicológicas, denotando evolução seja na recepção do leitor, seja nos personagens:

A transformação dos seres e das coisas, sem dúvida, está ligada à idéia de evolução da humanidade e do universo, e deve ter preocupado o homem desde os primórdios, pois aparece nas mais

antigas fontes de narrativas que se conhecem. Liga-se talvez, a antigas crenças de que todos os seres anormais ou disformes (formas humanas misturadas a formas animais, seres fabulosos) possuíam altos poderes de interferência na vida dos homens (COELHO, 1984, p. 126).

Sendo assim, a metamorfose se faz presente nas narrativas não apenas entre os protagonistas, mas também entre os antagonistas e a forma como as transformações ocorrem corroboram para o desfecho da história. Para Abramovich (1995, p.137) as metamorfoses apresentadas nos conto de fadas possibilitam a transgressões do ser ou do agir, de modo que redimensionam até mesmo o leitor, que pode se ater a um novo enfoque, uma nova perspectiva. Na condição de obstáculo, para os benfeitores, ou de alegoria, para os malfeitores, a mudança de aparência gera expectativas em torno de como esse processo pode interferir na construção do imaginário. E no tocante a inserção das transformações nessas narrativas, a metamorfose tem como aliada a questão do maravilhoso, quando observamos que a metamorfose interfere no equilíbrio da narrativa, conforme destaca Khéde, (1986, p. 21) “(...) o maravilhoso será o elemento mais propício para a passagem de uma situação de equilíbrio para outra de desequilíbrio, ou vice-versa, geralmente com o retorno ao equilíbrio inicial, modificado”.

HOJE É DIA DE MARIA: DESTACANDO A QUESTÃO

Tomamos como exemplo a primeira jornada de *Hoje é dia de Maria* que narra a trajetória de uma menina que procura responder às suas inquietações. Há na jornada um passeio cultural através dos elementos dialógicos, que são, na verdade, as especificidades dessa trajetória, e que apresentam o universo simbólico tratado por Thompson (1995) como os diferentes fenômenos, ações, gestos, rituais e manifestações representativas que trazem consigo valores a serem agregados aos indivíduos de determinada cultura.

A obra promove o encontro intertextual do ideário clássico com o ideário popular a partir do cotidiano da personagem, da linguagem e dos meios e modos de contar a vida da menina/moça em sua travessia a partir do maniqueísmo do bem contra o mal, dos registros da oralidade interiorana na fala dos personagens, do mítico, do religioso, enfim, do cotidiano regional brasileiro. Mas, sem dúvida, os embates entre *Maria* e seu antagonista, *Asmodeu*, ganham destaque na narrativa, principalmente, pelo viés representativo do imaginário, pois na disputa dos personagens principais transformações físicas estão presentes, norteadas as ações. E em *Hoje é dia de Maria* o antagonismo entre *Asmodeu* e *Maria* se faz presente em toda a história, perpassando os acontecimentos felizes e infelizes na jornada da protagonista.

Ela uma menina do interior, uma *Maria*, que simboliza tantas outras que buscam a felicidade. Já *Asmodeu* é um personagem sobrenatural, uma figura bestial que assume várias formas para atrapalhar a trajetória de *Maria*. Ambos interagem efetivamente e contribuem para a construção imagética da luta do bem contra o mal.

ASMODEU: ENTRE REPRESENTAÇÃO E IDEALIZAÇÃO DO MAL

A fórmula dicotômica do bem contra o mal se faz presente em *Hoje é dia de Maria*, sendo *Maria* a representação do bem a enfrentar o mal, num primeiro momento, representado pela *Madrasta* e, em seguida, pela figura de *Asmodeu*, personificação do demônio, que num total de sete aparições irá travar essa batalha maniqueísta.

A primeira aparição de *Asmodeu* no texto já descreve a sua forma bestial: “O HOMEM, eu percebemos ser manco, volta a avivar o fogo, e as chamas o iluminam por inteiro: tem sobrancelhas unidas, dois cotos de chifre na cabeça e um sorriso maligno: é o demônio ASMÓDEU” (ABREU; CARVALHO, 200, p.84). Apesar de se metamorfosear em outras seis aparições, essa descrição será predominante, é tanto que a obra refere-se a essa aparição como sendo *Asmodeu Original*. As demais aparições são outras

tentativas de enganar a protagonista, o que se torna insuficiente uma vez que *Maria* sempre identifica seu inimigo. O próprio *Asmodeu* se define como um ser maligno:

(,,,) eu sou aquele que entorta os caminho, que amaga as águas nos pote, que azeda o vinho e que pranta a mágoa no fundo do coração humano! Proveita seus ano de menina, e essa alegria boba de vida. Proveita porque sua infância já tem dono e num demora vai desaparecer! Depois vai sê só ocê, eu e o mundo! Ai de ocê, que cruzô os meus caminhos! (ABREU; CARVALHO, 2005, p. 127).

Na obra, as forças antagônicas remontam a tradição cristã, assim como ocorre nos relatos do texto bíblico, a força do bem sofre ataques constantes por parte da força do mal, tendo como fruto da disputa a alma, conforme destaca Traça (1992, p. 38): “[...]o mundo organiza-se em dois pólos antagônicos o Bem e o Mal, Deus e o Diabo”. *Maria* é confessa do catolicismo e *Asmodeu* a persegue, tentando-a de todas as formas na busca por sua alma. Simonsen, (1987, p. 59), ao tratar sobre os elementos pertencentes ao conto popular, destaca que esse tipo de narrativa sempre apresenta um adversário, que pode ser natural ou sobrenatural, “caso em que é uma figura ora antropomórfica, ora monstruosa”, ela ainda afirma que o *Diabo* é uma das representações do mal nessas narrativas em que mais se cristaliza a dicotomia do bem contra o mal, e que acaba remetendo à cristianização nos contos maravilhosos, conforme observamos em *Hoje é dia de Maria*.

Os encontros entre *Maria* e *Asmodeu* ocorrem constantemente durante a história. *Asmodeu* tenta enganar, atrapalhar, prejudicar, causar perdas e sofrimentos à personagem com vistas à intenção de roubar-lhe a alma. Para tanto, ele metamorfoseia-se sob sete aparições diferentes, que vão se alternando durante a jornada da protagonista e ao final as sete formas se juntam para o grande embate. Essas aparições vão sendo reconhecidas por *Maria* e o próprio *Asmodeu* confirma uma das suas formas a *Maria*, inclusive um dos seus codinomes, quando o próprio diz “Eu sô o mesmo. O sete peles, o imortal” (ABREU; CARVALHO, 2005, p. 116).

Os embates ocorridos entre *Maria* e *Asmodeu* além de apresentar a tradição dos contos clássicos a partir da retomada da luta do bem contra o mal, também dialoga com a literatura de cordel e os embates entre seus protagonistas, muitas vezes heróis recuperados do ideário popular que enfrentam a morte e até o demônio para concretizar suas trajetórias.

Maria em toda a sua travessia é acompanhada por *Asmodeu*, que interfere no percurso da protagonista com suas aparições, na história a menina faz uma viagem de ida e volta, sendo revelado, ao final, que a trajetória da menina se justificava numa tentativa de reverter o feitiço realizado por *Asmodeu* – o conflito da história.

Na construção da relação maniqueísta entre os personagens, a obra também retoma o universo da literatura de cordel, é quando *Maria* invoca *Asmodeu* numa encruzilhada para tentar recuperar a alma de seu amigo *Zé Cangalha*, capturada por *Asmodeu* em troca de um sanduíche. O referido encontro remete à esperteza e o jogo de adivinhas do personagem *João Grilo*, no cordel *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima. *Hoje é dia de Maria* promove mais uma vez a aproximação entre o erudito e o popular, uma vez que o maniqueísmo sempre presente nos contos de fadas se faz atualizado nas figuras de *Maria* e *Asmodeu*, numa representação do local que preencheu o imaginário de comunidades interioranas – a encruzilhada, espaço geográfico destinado ao encontro com a presença do demônio.

O encontro entre *Maria* e *Asmodeu*, na encruzilhada, é cercado pelo viés da sátira; do humor; a brincadeira e a esperteza de *Maria*, presentes na trajetória da protagonista, bem como no momento do enfrentamento entre os antagonistas. O humor é presença marcante tanto na poesia para criança quanto no cordel, como afirmam Marinho e Pinheiro (2012, p. 49). Quanto a essa capacidade que uma obra tem de promover o riso Vladimir Propp (1992, p. 190) diz que "O riso é importante como arma de luta, mas é também necessário enquanto tal como manifestação de alegria de viver que estimula as forças vitais." Assim, o riso sempre se faz presente no cotidiano da protagonista.

Ao encontrar com *Asmodeu*, na encruzilhada, para recuperar a alma do amigo *Zé Cangalha*, *Maria* é interpelada por *Asmodeu* que diz: “Ocê é esperta, mai venha de lá, agora o desafio [...] *MARIA* começa a cantar um desafio. *ZÉ CANGALHA* começa a tocar um pandeiro. [O desafio é baseado em trecho da peleja de Cego Aderaldo com *Zé Pretinho do Mutum*]”², (CARVALHO; ABREU, 2005, p. 119-120). O embate trás à tona a intersecção entre a luta do bem contra o mal e o encontro entre o texto em verso no suporte da prosa:

MARIA

Seu demo nunca encontrei
Quem desmanchasse esse enredo
É quadra que mete medo
Essa que vou cantá
Quem a paca cara compra
Cara a paca pagará.

ASMODEU

Menina, fiquei apertado
Que só um pinto no ovo
Menina, a história da paca
Pode repetir de novo?(...).

As inúmeras investidas de *Asmodeu* no intuito de “vencer” *Maria* configura a disputa secular entre o bem e o mal, permanente nos contos clássicos e populares por fazer parte do universo humano, ao qual a literatura está inserida.

² A referida peleja é de autoria de João Firmino do Amaral (2000), várias edições já foram feitas desde sua primeira publicação em 30-10- 1923 (MARINHO; PINHEIRO, 2012, p. 26).

A indumentária de *Asmodeu* tentando seduzir *Maria* faz surgir variações, nas sete aparições do mesmo personagem, mas estabelecendo uma dinâmica nos embates. A aparição original remete ao imaginário histórico acerca da figura do demônio, uma figura animalesca resultante da bifurcação entre um homem e um quadrúpede, com chifres e cor avermelhada. Já a segunda aparição retrata o oposto da primeira, um homem bonito e muito sedutor com a capacidade de enfeitiçar as mulheres; *Asmodeu Velho*, um homem sábio; *Asmodeu Mágico*; *Sátiro*; *Brincante*; *Poeta*.

Apesar das metamorfoses, *Maria* não se deixa enganar e sempre identifica a configuração do demônio, ao qual a menina sempre chama de “cafute mardito”, dentre outras conotações. As investidas de *Asmodeu* sempre são resistidas por *Maria*, respeitando a tradição de que o bem acaba vencendo o mal.

Ao construir uma história pautada na retomada dos elementos tradicionais dos contos de fadas, e das narrativas populares, a obra revela um processo de atualização como é característico das produções contemporâneas: ao possibilitar a convivência de características benéficas e maléficas num mesmo personagem. Por isso, o demônio assume tantas faces humanas, cotidianas, como por exemplo, um velho, um mágico ou até um poeta, enquanto que *Maria*, mesmo sendo a mocinha, mente e, às vezes, trapaceia *Asmodeu* e os *Executivos* (personagens que representam cobradores financeiros, na idealização do capitalismo presente na obra).

A história conta os embates entre os antagonistas numa perspectiva mais humanizada, mas sem abandonar a estrutura tradicional dos contos de fadas e maravilhosos, isso porque na cena final da primeira jornada as aparições de *Asmodeu* se juntam para o grande embate: “ASMÓDEU bate palmas. A cada palma, começam a aparecer as suas seis outras imagens, que se reúnem à sua volta.” (ABREU; CARVALHO, 2005, p. 379). Assim como nos contos de fadas em que um amuleto compõe um efeito maravilhoso, *Maria* faz uso do seu amuleto para derrotar seu inimigo:

MARIA vai girando o espelho e vê outro ASMODEU. O espelho envia um novo raio e acontece o mesmo que aconteceu ao primeiro. E assim, sucessivamente, MARIA vai girando o espelho até chegar ao último. O ASMODEU original. Assustado, ele olha para MARIA e tenta contemporizar.

ASMODEU

A gente podia fazê um trato..

MARIA

Que trato nada, siô chupa-cabra. Siô cafute mardito! Ocê vorta pros inferno de donde ocê veio! Chega de me atentá!

MARIA vira o espelho para ASMODEU original e ele explode como os outros, transformando-se num pedaço de lata velha. Todos os outros pedaços de lata se juntam ao que restou de ASMODEU como se fossem atraídos por um imã. Com raiva, MARIA corre, pega o montinho de lata e joga no rio. (ABREU; CARVALHO, 2005, p. 373-374).

Apesar da tecitura inovadora da mistura intertextual entre gêneros, personagens e textos, tudo imbricado numa perspectiva de união entre o conto de fada tradicional com os elementos da cultura popular, em *Hoje é dia de Maria* o bem vence o mal e o desfecho trás de volta a calmaria da situação inicial.

A representação do mal na figura de *Asmodeu* proporciona uma brincadeira a partir das suas sete aparições, metamorfoses utilizadas pelo antagonista no intuito de enganar a protagonista. Ao mesmo tempo em que a dicotomia bem e mal é apresentada na obra, o personagem *Asmodeu* traz a questão da idealização do mal, do demônio numa perspectiva popular em que, a partir de uma tradição cristã, apresenta o demônio como uma imagem bestial, com chifre, manco e envolto ao fogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas que a história da literatura denominou de contos de fadas mantiveram ao longo do tempo sua capacidade de instigar o imaginário a partir de histórias que tratam de amor, de disputas, aventuras, desejos, sonhos, enfim de questões naturais e sobrenaturais. Mas, independente do contexto em que as histórias são contadas, observamos que uma determinada estrutura se mantém: a luta entre o bem e o mal. Essa dicotomia tem garantido aos enredos dos contos de fada sucessivos embates entre protagonistas e antagonistas que por meios de feitiços ou amuletos vêm instigando o imaginário dos públicos ao longo do tempo.

Partindo da recorrência da presença maniqueísta do bem e o mal entre os elementos constituintes dos contos de fada, destacamos a primeira jornada da obra *Hoje é dia de Maria* de Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho, que, a partir da disputa entre a protagonista *Maria* e seu antagonista *Asmodeu*, remonta o eterno embate.

Destacamos que a obra em estudo apresenta como opositor a *Maria* o personagem *Asmodeu* ao qual damos destaque enquanto representação do mal. Os encontros entre os personagens principais da obra são demarcados pelas incidentes tentativas de *Asmodeu* em vencer *Maria* com intuito de roubar-lhe a alma, fato que como podemos perceber, instiga uma discussão religiosa.

Mas, o centro da nossa discussão se dá a partir da estratégia utilizada por *Asmodeu* nos embates com *Maria* : a metamorfose. A metamorfose que sempre se fez presente nos contos de fadas em todos os tempos continua a enriquecer as histórias na contemporaneidade. Na obra de Abreu e Carvalho a questão da eterna disputa envolve ainda mais o imaginário, uma vez que fomenta a idealização de um demônio – *Asmodeu* – em torno de sua representação física a partir de uma descrição de origem teológica cristã. A obra apresenta sete aparições de *Asmodeu*, mas, mantém como forma predominante sua aparência bestial, tomando como parâmetro para a figura de

um demônio a descrição de uma figura bifurcada que fala e pensa como homem, mas que apresenta chifre, rosna e tem um sorriso maligno.

A história contada numa perspectiva intertextual entrelaça os elementos dos contos de fadas tradicionais com elementos pertencentes ao ideário popular para rerepresentar o bem e o mal, para rediscutir a luta entre as forças antagonistas que sempre se fizeram presentes no percurso histórico e literário.

Asmodeu, assim como é descrito na obra *Hoje é dia de Maria* em sua aparência predominante, ou seja, em sua forma bestial, idealiza uma imagem de demônio perpetuada pelo imaginário ocidental de tradição cristã: uma figura que se transforma para enganar, que tem poderes sobrenaturais e aparência monstruosa.

Sendo assim, concluímos reforçando a importância da literatura, em especial os contos de fada, nesse processo de contar, discutir, instigar, representar e apresentar personagens, histórias e temáticas que dizem do humano, do natural, do sobrenatural e, principalmente, do imaginário de leitores e apreciadores dessa arte de contar histórias em que se fundamentaram os contos de fadas e a literatura em geral.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995.
- ABREU, Luís Alberto de. CARVALHO, Luiz Fernando; [baseado na obra de SOFFREDINI, Carlos Alberto]. **Hoje é dia de Maria**. São Paulo: Globo, 2005.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura Infantil**. São Paulo: Quiron, 1984.
- KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. Trad. Aurora Fornoni e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- SIMONSEN, Michele. **O conto popular**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- TRAÇA, Maria Emília. **O fio da memória: do conto popular ao conto para crianças**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1992.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995.